

ESCOLA É UM CENTRO ONDE APRENDEMOS A SERVIR SEMPRE MELHOR O POVO

N. 31/3/81

— Presidente Samora Machel, num encontro realizado na Beira

Publicamos a seguir um texto que constitui uma síntese das intervenções do Presidente do Partido FRELIMO, e Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Moisés Machel, em dois encontros que realizou em escolas secundárias da Beira, durante a sua recente visita àquela cidade.

Para as orientações nele contidas chamamos a especial atenção dos professores, alunos, encarregados de educação e de todos os leitores em geral:

A ESCOLA

A nossa escola é uma base para o Povo tomar o Poder. Assim o definimos durante a luta armada de libertação nacional.

Hoje, a nossa escola continua a sê-lo nesta guerra prolongada contra o subdesenvolvimento.

A nossa escola é um centro de combate contra: a mentalidade escrava ao estrangeiro, os vícios, os defeitos.

É centro de combate contra a ignorância e o obscurantismo.

É um centro de combate de produção da nova mentalidade, do Homem Novo.

É assim que nós entendemos o que é a escola. Ela é o centro de educação do que é o patriotismo, o orgulho de um povo.

O que é a riqueza de um povo.

A escola é o centro onde se aprende a organizar a sociedade.

Assim, a escola é centro de organização da vida, da planificação da vida, da realização dos grandes objectivos da revolução.

É o centro onde aprendemos a servir o povo, a servir sempre e melhor o povo.

Na escola aprende-se a amar o povo, aprende-se a conhecer o gosto do povo, o paladar do povo, as ideias correctas do povo.

A primeira coisa que se aprende na escola é a viver-se organizado.

Aprender a viver programado;

Aprender a saber utilizar correctamente o tempo. Isto implica aprendermos a viver, mentalmente organizados sob os pontos de vista político, económico, cultural, social e educacional.

E viver organizado significa matar o tribalismo, o regionalismo, o racismo, o tradicionalismo, o obscurantismo.

Estes são os instrumentos do inimigo para nos desorganizar, para minar a nossa unidade.

Na escola aprendemos a conhecer a nossa Pátria unida. Aprendemos a conhecer a sua grandeza, a sua riqueza cultural, os seus recursos naturais, as suas potencialidades, a sua História, a história do nosso povo.

Aprendemos a conhecer a grandeza da Pátria moçambicana, aprendemos a amá-la, aprendemos a sentir por ela um profundo espírito patriótico.

É na escola que, desde jovens, aprendemos a defender a Pátria e a morrer por ela.

A escola é a forja do Homem Novo.

É o centro de transformação do homem: é onde se matam as ideias velhas e se cria a nova mentalidade.

Na escola é onde a ciência líquida o obscurantismo e a ignorância.

É na escola que se adquire a mentalidade nova, a mentalidade que recusa a sociedade fragmentada em tribo, em região, em raça.

As nossas escolas não são fábricas de produção em série. A quantidade não nos interessa quando essa quantidade representa mediocridade.

Podemos ter uma escola com 300 alunos. Podemos pensar que se trata de uma escola grande. Mas se analisarmos essa escola e verificarmos que esses 300 alunos são medíocres, desorganizados, regionalistas, tribalistas, conservadores, concluiremos que essa não é a escola que queremos.

Porque essa escola é a escola que simboliza o Homem Velho. Simboliza o homem anticientífico, o homem obscurantista, o homem medíocre.

O Homem Velho não se exprime em termos de idade. Um jovem de 16 anos pode ser um Homem Velho, porque as suas ideias são velhas: é supersticioso, confucionista, preguiçoso, obscurantista, alcoólico, drogado, desorganizado, ele é contra a emancipação da mulher, é tradicionalista, é corrupto, pratica a imoralidade, a vagabundice. Tal jovem é velho porque conserva todos estes valores decadentes, estas ideias velhas. E muitas vezes ele conserva estas ideias velhas em nome da tribo, da região.

Mas um adulto de 60 anos, porque tem ideias novas, é para nós um jovem. E para nós um Homem Novo. Eliminou do seu espírito a superstição, o obscurantismo. Não é tradicionalista, não é alcoólico, luta contra a droga. E uma pessoa de moral sã, é pela emancipação da mulher. Tem uma forma de vida organizada. Inculca estes valores nos seus próprios filhos. Tem 60 anos, é certo, mas pelas ideias novas que assume e pratica, ele também é jovem, ele representa o Homem Novo.

A escola não deve servir apenas para ensinar, a ler e a escrever.

A escola não produz alunos que papagueiam os conhecimentos que adquirem junto dos professores. A escola deve fazer do aluno alguém que sabe pensar, que vê a essência das coisas, que tem os horizontes claros.

O nosso princípio é que não basta saber ler e escrever. Pode-se ser letrado, mas obscurantista, conservador, culturalmente atrasado, tribalista, racista, com ideias retrógradas.

A escola é a base segura donde saem os combatentes que se engajam na guerra prolongada que declaramos ao analfabetismo, à ignorância, aos vícios tradicionalistas, ao subdesenvolvimento.

Os nossos jovens devem estar conscientes disto. Devem estar conscientes do que significa entrar numa escola primária, do que significa entrar numa escola secundária.

Porque, o segredo da nossa educação está na escola primária. É aqui que são lançadas as boas sementes que fazem nascer o homem forte, que fazem nascer o homem de amanhã, o homem socialista, o homem comunista.

Se a semente não é boa na escola primária, a planta que estamos a criar crescerá defeituosa. Obteremos as plantas raquíticas, criaremos alunos medíocres que jamais se endireitarão.

Teremos alunos sem bases para frequentar a escola secundária, muito menos, o ensino superior.

E por isso que consideramos que o segredo da nossa Educação está no ensino primário. Assim aprendemos durante a guerra de libertação nacional.

E é por isso que futuramente deverá haver no ensino primário bacharelados, licenciados, grandes pedagogos. O seu papel é determinante para mudar a mentalidade das crianças, levando-as ao hábito de concentração no estudo, motivando-as a assumir a concentração da sua atenção no aprender das coisas desde que entram para a escola.

Ao analisarmos «o aluno das nossas escolas» devemos vê-lo sob vários ângulos, isto é, quem é o nosso aluno, o que traz consigo, donde vem, para onde vai, como é que ele deve ser, quais as suas

tarefas, quais as transformações que nele devem ser operadas.

A grande maioria dos nossos alunos são filhos dos pobres. São de origem essencialmente camponesa. São jovens que vêm do campo, não conhecem a electricidade, não conhecem a canalização de água, a cama.

Não conhecem uma casa de alvenaria, não conhecem o chuveiro, a luz de uma lâmpada, o candeeiro. No campo aprendem a viver com a esteira, com a fogueira, com a água no balde;

No campo estavam habituados a considerar normal cuspir-se no chão, pentear-se em qualquer lugar, à vista de toda a gente.

Agora, na escola, têm que aprender a utilizar devidamente as novas condições materiais que encontram.

Aprendem então a sentar-se à mesa, como dormir na cama, como arrumar de uma forma organizada os seus livros, como utilizar a luz eléctrica, o chuveiro, o autoclismo, como se sentar para poder escrever, correctamente, como fechar as torneiras, como falar com as pessoas de uma forma correcta, como olhar para as pessoas.

Porque são os alunos que, mais tarde, como professores, irão ensinar os seus alunos;

Porque são eles que, como pais, irão transmitir aos seus filhos novos hábitos de vida, novos hábitos higiénicos.

Porque são eles que, como trabalhadores, saberão aplicar nos seus locais de trabalho os novos valores de organização da vida.

Por isso, é importante que, na escola, o aluno aprenda a lavar o chão, a encher o chão, a limpar as paredes, a utilizar correctamente as casas de banho. Aprenda a fechar a torneira, o interruptor da luz, aprenda a fazer a cama, a arrumar devidamente os seus livros, os seus sapatos, a sua roupa, a não sujar as paredes.

Na escola o aluno deve aprender novos hábitos de vida — hábitos de higiene, disciplina, comportamento.

O aluno deve assumir o valor da sua escola e garantir a sua boa conservação. O aluno não pode considerar a escola como um lugar onde passa apenas parte do dia. Ele deve fazer da escola parte integrante da sua vida.

O aluno deve amar e respeitar a escola. Deve considerá-la como o centro onde vai aprender a ser um homem organizado, disciplinado, consciente, que assumiu e sabe utilizar os conhecimentos teóricos e práticos que lhe foram transmitidos.

A tarefa principal do aluno é estudar. Estudar para servir o povo. Porque o povo, os sacrifícios do povo, é que pagam a educação do aluno.

Com o seu trabalho, com o seu esforço diário, com os seus sacrifícios, pagando impostos e construindo escolas, o povo investe dinheiro na educação do aluno, na produção do homem com nova mentalidade.

Por isso, o aluno deve saber corresponder a esses sacrifícios do povo obtendo boas notas e sendo exemplar, deve ser aplicado para procurar sempre avançar mais e melhor.

O mau aluno representa terreno estéril. O mau aluno representa terreno que não vai produzir boas plantas. O mau aluno é aquele que imita o que faziam os filhos dos colonialistas: utiliza a droga; suja as paredes; pratica a vagabundice, a imundície, a fuga aos estudos, a preguiça, a indisciplina.

O mau aluno é uma erva daninha — fora da escola!

O mau aluno expulsa-se. Não é com marginais que construiremos a Nação forte que queremos. Não é com vagabundos que construiremos o socialismo.

Isto significa que nas nossas escolas há cabeças que são improdutivas, que não produzem nada.

Há cabeças que se recusam a assimilar a matéria que o professor dá.

Será que podemos fazer deste aluno um médico, um engenheiro civil, um biólogo, um especialista de electrotécnica, um pedagogo, um jurista, um agrónomo ou um veterinário?

O aluno medíocre será apenas um agente difusor da mediocridade.

Não investiremos nele para ser o médico que trata da nossa saúde, para ser o engenheiro civil que constrói as nossas casas, pontes e estradas, o agrónomo que cultiva o arroz, o feijão, a batata, as frutas que nós comemos, o veterinário de cujo trabalho obtemos o bom leite para as nossas crianças, a carne que necessitamos.

Mas, de acordo com as suas capacidades, ser-lhe-á atribuída uma tarefa útil na construção do socialismo no nosso País.

Consideramos importante o caso das pessoas que querem ampliar os seus conhecimentos, os que, mesmo sendo adultos, querem ampliar os seus estudos. Isto significa que essas pessoas têm já um elevado grau de consciência, que estão a combater a inércia, a apatia, o comodismo.

Apreciamos o esforço que é feito, nesse sentido, porque como adultos que vêm estudar, esses cidadãos materializam a sua vontade, a sua coragem de vencer e derrubar complexos.

Um adulto tem muitos complexos: receia que os vizinhos, os filhos, os amigos, todos aqueles que o rodeiam, descubram as suas limitações.

E isto, este acto de coragem, exige um esforço triplo.

Primeiro, exige concentração de esforços no seu local de trabalho, no seu serviço. Tem que estar organizado para cumprir as suas tarefas no seu trabalho, tem que produzir no seu local de trabalho.

Segundo, tem de produzir também para a escola, porque não pode ocupar lugar em vão.

Terceiro, quando volta para casa muito tarde tem de estudar até de madrugada. E, logo de manhã cedo, tem de estar no seu local de trabalho.

Aqui aprende-se também o que é organização, o que é a divisão correcta do tempo, como utilizar o tempo. Aprende-se a não sermos escravos do tempo.

Os adultos que estudam têm uma responsabilidade enorme. E esse critério de responsabilidade, esse esforço, esse sacrifício, são também educativos para os filhos. Saber que o nosso pai trabalha, que o nosso pai estuda, e tira boas notas, é um exemplo para o filho, que só tem a tarefa de estudar.

Neles, nesses adultos que estudam encontramos, finalmente, a responsabilidade dos pais como educadores. A responsabilidade dos pais na família e na sociedade.

Por isso, saudamos a coragem dos adultos que aceitaram continuar a aprender para matar a ignorância. Aceitaram aprender mais para desenvolver a nossa Pátria.

O PROFESSOR

Existem dois sistemas de ensino antagónicos. Há o sistema para ensinar a explorar, ensinar a oprimir, ensinar a humilhar, ensinar para dominar. Ensinar para melhor assumir os valores da despersonalização. Ensinar para transformar as pessoas em elementos superficiais, medíocres, apáticos à sociedade, à vida, aos fenómenos da natureza.

Estes elementos foram educados por este sistema de ensino. A este tipo de quadro nós chamamos de quadro do capital no Aparelho do Estado da República Popular de Moçambique.

Foram ensinados assim a desprezar o povo, a afastarem-se cada vez mais do povo.

Mas são quadros formados, ensinados a assumir os valores estrangeiros estranhos à nossa realidade, à nossa sociedade, à nossa cultura, para serem agentes difusores desses valores e orgulharem-se disso.

Este é um sistema de ensino. O quadro por ele formado fala, sabe ler e escrever, sabe organizar a exploração, a opressão, a fome, a doença, sabe organizar a miséria. E transformam-se em «doutores», «licenciados» da organização da exploração e da opressão.

Na República Popular de Moçambique opomo-nos a tudo isto. O nosso sistema de ensino é antagónico a este.

Para nós, primeiro, o professor, deve ser humilde, deve ser simples, consciente, profundo e sério no estudo. O professor deve ser eficiente na realização das suas tarefas. O professor deve ser competente. E competente para quê?

Competente para organizar a vida, para planificar a vida, para realizar os grandes objectivos da revolução e servir melhor o povo.

O professor ensina aprendendo e aprende ensinando. O professor é o agente que líquida a ignorância, o analfabetismo, o obscurantismo.

O professor é o nosso pai, o nosso irmão, o nosso companheiro na luta contra o subdesenvolvimento.

O professor transmite os primeiros conhecimentos científicos, transmite a vida, transmite a diferença entre o homem e o bicho.

É o professor, que cria a nossa personalidade, a nossa dignidade, o orgulho de cada um de nós.

Não falo de vaidade. Porque a vaidade é outra coisa. O pavão é vaidoso mas não tem cabeça. E o professor não é um pavão, é uma pessoa.

O professor é que nos educa. Ele é que educa o nosso orgulho de sermos independentes, ele é que nos faz sentir o orgulho do nosso heroísmo, ele é que nos ensina o patriotismo, ele é que nos ensina o que significa morrer pela Pátria, quer dizer: o que

(Continua na página seguinte)



ESCOLA É UM CENTRO ONDE APRENDEMOS

(Continuado da página anterior)

significa termos livres, o valor da nossa liberdade. Ele é que nos ensina a amar o povo.

O professor é o petromax que nos conduz para fora da escuridão. Ele é o centro do combate para a produção do Homem Novo.

O professor ensina-nos o que é a higiene individual, o que é a higiene colectiva, o que é a higiene mental.

É preciso estarmos limpos e saudáveis. É preciso que a nossa sociedade esteja organizada. É preciso alimentar diariamente a cabeça, para termos as ideias correctas, por forma a correspondermos às exigências da revolução.

O professor ensina o que é a transformação. O professor ensina e participa com os alunos na limpeza e manutenção da escola. Ele explica e mostra o valor dos novos hábitos.

O exemplo do professor é decisivo. Para falar do aprumo do soldado, tenho de ser aprumado, tenho de ser disciplinado, consciente, capaz. Analogamente o professor é um instrutor, e um comissário político. Para ensinar o aprumo, a disciplina aos seus alunos, o próprio professor tem de ser aprumado, disciplinado. É assim que ele é um agente activo na transformação dos alunos. Cria-lhes a sensibilidade do geral e do particular, do detalhe. Cria o hábito de sermos profundos, e não superficiais, na análise das transformações da vida e do mundo.

O professor deve ser um exemplo em tudo, de forma a realmente representar e exercer o poder popular na nossa escola. O professor deve assumir profundamente que ele representa o poder político, o poder ideológico, o poder cultural no seio dos alunos.

LIGAÇÃO ALUNO - ESCOLA - FAMÍLIA

No nosso sistema de ensino tem de haver uma permanente ligação aluno-escola-pais.

Sem esta estreita ligação, não é possível exercer-se uma acção pedagógica eficaz no aluno.

A participação dos pais na vida da escola e o acompanhamento diário dos seus filhos, em casa,

na sociedade, são duas faces de uma mesma moeda.

Mas temos primeiro de saber de onde vêm os nossos alunos, qual é a sua origem, o seu ambiente familiar, os hábitos que trouxeram de casa, da povoação.

Não poucas vezes constatamos que os alunos vivem dois ambientes diferentes, diametralmente opostos. Um ambiente da escola e um ambiente de casa.

Os ensinamentos, os novos hábitos, os novos valores que lhes são transmitidos na escola entram em contradição com o ambiente e a educação na família.

Trata-se de luta entre o velho e o novo, a luta entre os novos valores e os valores negativos da sociedade tradicional.

Pegar a parede com as mãos sujas numa palhota é um acto aceite como normal. Porque na palhota é assim.

Cuspir no chão é normal, porque na povoação, na palhota é assim.

Fazer tranças em público, na rua, no pátio da escola onde passam muitas pessoas, é normal na povoação.

Mas quando na escola se corrigem esses hábitos, o aluno não entende. E se os pais não estão preparados porque transportam consigo esses hábitos, e se na escola surgem as correcções, os alunos não podem entender essas exigências.

Quando em casa encontramos a vida relaxada, desorganizada, o aluno não tem incentivo para se valorizar, para estudar, para consolidar os novos valores adquiridos na escola.

A maioria dos pais não participa na vida da escola, não acompanha os valores da escola, os problemas dos seus filhos.

Quando o filho vai para escola, os pais olham para ele? Vêm se está limpo e asseado? Vêm se o filho preparou as lições? Quando o filho volta da escola os pais verificam o trabalho que o filho trouxe para casa?

A maioria dos pais ou encarregados de educação não participa nas reuniões com os professores. Não

vão à escola para saber do comportamento e do aproveitamento do aluno. Assim, os pais não são capazes de compreender a importância do equilíbrio que deve existir entre o ambiente de casa e o ambiente da escola.

Os pais dos alunos não vão às reuniões na escola. O pastor, pelo menos, anda atrás do seu rebanho. Vai atrás do gado, das ovelhas, atrás do cabrito. O pastor está sempre lá.

Agora, os alunos não têm ninguém. E se os pais dos alunos não vêm à escola, os seus filhos vão ser alunos medíocres. Serão medíocres por culpa dos pais.

A culpa será dos pais porque não saberão o que fazem os seus filhos na escola, como estão a desenvolver-se, se têm boas notas, se há problemas, que tipo de problemas existem, como é que os alunos vivem na escola. Qual o tipo de relações que se desenvolvem na escola. Em síntese, os pais não saberão o que é uma escola.

Para o aluno ser disciplinado na escola é necessário que essa disciplina exista em casa. Para o aluno ser limpo e asseado, e compreenda a importância da educação dos seus filhos. Os pais não participam na actividade da escola porque, sendo analfabetos, julgam que não poderão contribuir na resolução dos problemas da escola e do aluno.

Em segundo lugar, porque o ensino na República Popular de Moçambique é gratuito, os pais não avaliam o dinheiro que é gasto com a educação dos filhos.

Sabem que pagam imposto de reconstrução nacional, o imposto adicional, para que o Estado possa construir mais escolas e hospitais, possa formar mais professores, médicos, engenheiros, possa construir mais creches e jardins infantis.

Os pais recebem mensalmente os seus salários com os impostos já descontados.

Portanto, o dinheiro que o Estado gasta na educação dos filhos não sai directamente dos bolsos dos pais.

Mas no tempo colonial, quando os pais tinham de pagar do seu bolso a educação dos seus filhos, havia a preocupação de que o filho justificasse, com o seu bom aproveitamento, o dinheiro gasto.

Era então frequente ouvirmos os pais dizer que iam tirar os seus filhos da escola quando estes reprovavam, pois que já não tinham possibilidades de suportar os encargos com a sua educação.

No nosso País Socialista, o ensino é gratuito. Mas isto não significa que os pais deixem de ter responsabilidades no bom aproveitamento escolar dos filhos. Quando um aluno reprova porque teve más notas, os primeiros responsáveis são os pais. Porque eles não foram à escola saber como se comportava o seu filho, quais os problemas que existiram durante o ano lectivo. Nem sequer controlavam em casa os cadernos dos filhos. Os pais são responsáveis porque devem acompanhar a vida da escola e do aluno.

Por isso, o Estado deve também penalizar os pais que revelam irresponsabilidade, que se mostram insensíveis em relação ao aproveitamento escolar dos filhos. Os pais dos alunos que reprovarem duas vezes consecutivas, caso pretendam que os filhos continuem a estudar, devem pagar os seus estudos.

São estas as nossas preocupações em relação às escolas do nosso País. Todos nós devemos fazer delas ponto de reflexão, de análise, ponto de partida para a nossa maior inserção nos problemas que se põem à educação dos nossos filhos. Queremos que eles cresçam sãos, fortes, verdadeiros pilares da revolução socialista. Queremos que eles sejam os combatentes que eliminam a ignorância, o obscurantismo, a fome, a nudez, a miséria.

O futuro do nosso País, o desenvolvimento do socialismo que estamos a construir, a felicidade do nosso povo, depende acima de tudo dos quadros que estamos a formar.

Por isso, façamos das nossas escolas centro de formação, de educação de todos nós, alunos, professores, pais.

Ofensiva na Cidade de Maputo

ATRASOS NA ABERTURA DE CRÉDITOS PODEM COMPROMETER CUMPRIMENTO DO PEC

— situação apresentada ontem em algumas empresas

O que pode comprometer o cumprimento das metas estabelecidas este ano para a CARMOC são os atrasos verificados na abertura de créditos para a importação de matérias-primas indispensáveis à produção. Esta situação foi exposta ao fim da tarde ontem à brigada ministerial que actua a nível da Cidade de Maputo.

Ao entrar na sua segunda semana de trabalhos, aquela brigada que ontem foi chefiada pelo membro da Comissão Permanente da Assembleia Popular e responsável da Comissão Nacional de Implementação dos Conselhos de Produção, Augusto Macamo, deslocou-se às empresas UFA, FACOBOL, MAPRIL e CARMOC. Recorde-se que os trabalhos da brigada se têm desenvolvido no âmbito da verificação do grau de implementação das orientações traçadas por ocasião do desencadeamento da Ofensiva e da constatação dos problemas surgidos quanto ao cumprimento do Plano Estatal Central para 1981, especialmente nos sectores estratégicos.

Nas fábricas UFA e FACOBOL, sobretudo na primeira, constatou-se que as orientações traçadas quando do desencadeamento da Ofensiva, não foram ainda integralmente cumpridas. A sujidade e o desleixo na manutenção das paredes pintadas, se ainda se pode apreciar, isso acontece fundamentalmente na empresa UFA. Ambas, produtoras de botas, sapatilhas e outro calçado de borracha, e não só, deparam-se também com a questão de atrasos na abertura de crédito para adquirir as matérias-primas no exterior.

Na fábrica FACOBOL, que para além do mais, produz artigos de borracha para empresas de grandes dimensões como os CFM, LAM e LUSALITE, foi referido pela sua administração um facto estranho. A produção de artigos de borracha exige a utilização de vários produtos químicos, bem como, obviamente, borracha. Esta há em grandes quantidades. Quanto aos produtos químicos, conforme foi afirmado, alguém da Unidade de Direcção de Calçado, achando que era imensa a quantidade de produtos que eram

pedidos, cortou alguns. Como não cortou proporcionalmente em cada um deles e não ouviu convenientemente as explicações para as suas necessidades, a produção não pode andar como devia. A fábrica encontra-se parada, esperando-se que brevemente retome a sua laboração.

Na Fábrica de Malhas Princesa, MAPRIL, o cumprimento do plano está comprometido devido à falta de matérias-primas, sobressalentes e a certas máquinas recentemente compradas que ainda não estão a produzir o que se esperava, por certas anomalias. Contudo, há noventa mil metros de tecido (malhas estampadas e tingidas, exclusivamente para exportação) que ainda não foram colocadas no exterior. Decorrem conversações com governos vizinhos, entre outros, para a sua colocação.

Na visita ali efectuada, constatou-se a existência de uma certa diluição de poder. De capital na sua maioria pertencendo ao grupo da RIOPELE, os seus produtos são exclusivamente para exportação, uma vez que vive quase exclusivamente de matéria-prima importada, razão por que é considerada uma empresa estratégica de exportação.

PRODUÇÃO DE CARTÕES PARA EXPORTAÇÃO DE CITRINOS

A fábrica de Cartonagens de Moçambique, empresa que produz cai-

xas de cartão para exportação de citrinos do nosso País, um dos artigos estratégicos, foi a última a ser visitada ao fim da tarde de ontem.

Constatou-se que de uma maneira geral as orientações ali traçadas aquando do desencadeamento da Ofensiva Política e Organizacional foram cumpridas. Em relação ao PEC/81 foram levantadas questões, sobretudo relacionadas com a abertura de créditos para importação do papel. A frequente falta de água é igualmente uma preocupação que atinge aquela fábrica, cujo capital é também moçambicano.

Um dos aspectos apresentados à brigada ministerial diz respeito ao aspecto financeiro da empresa. Com efeito, e conforme foi referido, a CARMOC está a vender o cartão a um preço inferior ao de importação (que é em divisas). Respondendo a uma pergunta da nossa Reportagem, o gerente daquele complexo fabril referiu que em cada caixa que ali é produzida para a exportação de citrinos, a CARMOC perde entre sete a oito meticais. Ao fazerem-se as contas com base no número de um milhão e quatrocentas mil caixas que serão produzidas para aquele fim, constata-se que se verificará uma considerável perda.

Frutos da Ofensiva começam a nascer

(Continuado da primeira página)

como de investigar processos simples e rentáveis de produção de carvão.

Está-se igualmente a organizar as populações que vivem nas zonas abrangidas pelo projecto em aldeias comunais, criando-lhes ao mesmo tempo as bases económicas necessárias para o seu desenvolvimento sócio-económico. Todas estas actividades são financiadas conjuntamente pelo nosso País e pelos países nórdicos e contam com apoio técnico da FAO.

Até ao desencadeamento da Ofensiva Política e Organizacional vários eram os problemas que se viviam naquela unidade de produção. Não se conhecia sequer o número de trabalhadores, reinava a anarquia, a planificação incorrecta feita em Gabinetes, havia trabalhadores que faltavam constantemente, outros que abandonavam pura e simplesmente, bem como vários outros problemas originados pelo mau funcionamento das estruturas.

Detectadas todas estas situações anómalas foram tomadas medidas no quadro

da Ofensiva que se reflectiram imediatamente num aumento considerável da produção, tal como já referimos.

Foram todos estes problemas que se verificavam no Projecto FO-2 que contribuíram, para o não cumprimento dos planos anteriores, aliados a problemas técnicos e organizacionais bem como das secas que se registaram no nosso País. Desde modo, dos 2.490 hectares que se deveriam ter realizado desde a criação do Projecto, apenas 1.004,9 hectares é que foram realizados.

Para a presente Campanha, que vai até Junho próximo, pensa-se cumprir a meta que é de plantação de 1.150 hectares, isso também em virtude de se ter introduzido este ano a rega, aliado ao esforço que está a ser desenvolvido pelos trabalhadores.

ASPECTOS CRITICADOS

Um dos aspectos criticados pela delegação de alto nível diz respeito ao fun-

DELEGAÇÃO MOÇAMBICANA EM SÓFIA

(Continuado da primeira página)

um sinal de discordância e especulação sobre o seu significado. Contudo, Stoian Mihailov, Secretário do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, tornou claro que a participação massiva e o elevado número de propostas, constituem um índice da vitalidade da democracia socialista na Bulgária. Stoian Mihailov falou numa conferência de imprensa, concedida esta manhã, a centenas de jornalistas estrangeiros, que se encontram em Sófia, para a cobertura do Congresso.

CELEBRAÇÃO DO PLÊNARIO DE ABRIL DE 1956

A conferência destinava-se a assinalar a passagem próxima do vigésimo quinto aniversário do Plenário de Abril de 1956 do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro. Existe uma preocupação clara em fazer coincidir a realização de Congressos do PCB com a data — aniversário do Plenário de Abril de 1956, considerado histórico na construção do socialismo na Bulgária. Porque este relevo ao Plenário de Abril?

«O Plenário de Abril pôs termo ao culto da personalidade, ao dogmatismo, ao subjectivismo. Ele restabeleceu a linha proletária e o estilo Leninista na direcção do Partido» disse Mihailov. Recorde-se que, pouco tempo antes, o Vigésimo Congresso do Partido Comunista da União Soviética lançava a campanha contra o culto da personalidade.

Todor Jivkov, Primeiro Secretário do CC do PCB, foi o arquitecto da linha de Abril. «A influência das forças revisionistas, que pretendiam desviar o Partido da sua linha marxista-leninista, tinha por consequência, disse Mihailov, uma grande crise de iniciativa, de falta de interesse e criatividade entre os quadros e as massas.

Os grandes avanços alcançados depois de 1956, são referidos sempre como resultados da aplicação da linha de Abril. Os altos índices de produção e de pro-

ductividade, a melhoria gigantesca do nível de vida, são mencionados com justificado orgulho, pelos búlgaros.

A Bulgária possui hoje um ritmo de crescimento do rendimento nacional de 8,1 por cento, o que é considerado como um dos mais altos do mundo. Em trinta e cinco anos de existência, a República Popular da Bulgária passou do estágio de país atrasado economicamente, para o de país agrário-industrial avançado.

A DEMOCRACIA NO PARTIDO

No decorrer da conferência de imprensa, um jornalista italiano perguntou: — «Qual a garantia segura para que, de novo, não se reinstale o culto da personalidade e o dogmatismo, que foram eliminados em 1956?»

Stoian Mihailov responderia a esta pergunta, referindo a instituição, desde Abril de 56, de métodos lectivos e democráticos, ao nível de todas as estruturas do Partido. Especialistas de vários sectores, que não são membros do Partido, são frequentemente chamados a participar em importantes reuniões do Partido. Foi estimulada a crítica pública, utilizando, os meios de comunicação de massas. O Bureau Político do Comité Central do PCB, determinou que fosse incentivada a crítica popular, através de cartas publicadas na imprensa. Os dirigentes de estruturas estatais e de empresas, que tenham sido alvo de críticas, são obrigados a responder publicamente, no prazo de um mês. A resposta às cartas não depende, assim, da boa vontade dos dirigentes criticados. É uma obrigação legal, cujo não cumprimento pode conduzir a sérias penalidades.

As empresas possuem hoje uma maior autonomia para resolver os seus problemas de produção e de distribuição e este é um factor que contribui, segundo Mihailov, para aprofundamento da democracia socialista.

A atribuição de prémios na Emblação Socialista obedece, agora, a novos critérios. Não basta cumprir a meta estabelecida, é preciso que a produção se realize em lucros, seja distribuída e cumprida totalmente a função social para que foi concebida. Desta forma, a empresa não se responsabiliza apenas em produzir mercadorias, mas preocupa-se em seguir o destino dos seus produtos, até que estes sirvam os utentes ou destinatários, dentro e fora do país.

POLÓNIA ENFRENTA UM GRANDE PERIGO

A Polónia constitui aqui um tema constante. Espera-se que os acontecimentos de amanhã sejam decisivos, com o desenvolvimento da greve geral naquele país. No decurso da conferência de imprensa de hoje este problema foi, naturalmente, abordado. Stoian Mihailov disse que a situação da Polónia «se agrava de forma preocupante e a crise era intencionalmente aprofundada por elementos contra-revolucionários».

«A Polónia enfrenta um grande perigo», disse. «Sabemos que elementos contra-revolucionários da organização sindical Solidariedade, organizam uma luta aberta contra o poder estabelecido. Eles fomentam actividades que visam o derrube da ordem social na Polónia. Temos conhecimento que, para a greve geral de amanhã, foram dadas instruções aos grevistas para, se for necessário, cortarem ligações telefónicas e comunicações rodoviárias».

Em digressão por países europeus

ARTE MOÇAMBICANA PATENTE NA HOLANDA

A República Popular de Moçambique encontra-se desde a primeira quinzena do corrente mês a participar numa exposição internacional dos países do Comité da África Austral (organização de solidariedade para com os povos desta zona, com sede em Amsterdão, na Holanda), através de objectos de escultura e pintura de artistas nacionais.

Os artigos com que o nosso País toma parte naquele importante evento retratam os diversos aspectos de vida política, social e cultural do nosso Povo foram seleccionados de entre as melhores obras dos artistas nacionais, no campo da pintura e escultura.

A exposição, na qual tomam parte outros países africanos membros daquele Comité, está aberta na Holanda e será vista durante seis semanas. A estrutura que patrocinou, o Comité África Austral — é uma organização de solidariedade fundada há mais de 20 anos e cuja função é promover o conhecimento, naquele país, das tradições e cultura africanas.

Segundo informações obtidas de um cooperante holandês proveniente daquele país, a arte moçambicana está a ser alvo de elogios, sendo muito apreciada por todos quantos a visitam. Segundo a mesma fonte, a pintura e escultura moçambicanas foram já dignas de menções honrosas por parte do comité organizador.

EXPOSIÇÃO NA INGLATERRA

Depois da Holanda, a arte moçambicana estará patente na Inglaterra numa outra exposição em Londres, sob auspícios de uma organização de solidariedade designada MAGIC.

Neste local, a arte moçambicana estará exposta a convite daquela organização como forma de promover o conhecimento da arte moçambicana naquele país, onde, segundo informações de elementos ligados à questão, deverão estar representadas outras nações e organizações de solidariedade.